



INFORMAÇÕES GERAIS DO TRABALHO

Título do Trabalho: Ser Professor (a)!? Um estudo sobre as expectativas socioprofissionais dos (as) graduandos (as) do Curso de Licenciatura de Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto

Autor (es): Kethnovcks Silva Costa; Natalino Neves da Silva

Palavras-chave: Formação de Professores - Expectativa Socioprofissional Docente - Formação Profissional Docente

Campus: Ouro Preto

Área do Conhecimento (CNPq): Educação

RESUMO

A presente proposta de pesquisa buscou investigar quais são as expectativas socioprofissionais dos/as graduandos/as do curso de licenciatura de Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto referente a “ser professor”. Interessava-nos averiguar se “ser professor” faz parte ou não das expectativas dos discentes. A relevância dessa proposta de pesquisa se justifica a partir do momento em que busca compreender a formação profissional docente no âmbito da atual Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, da qual os IFs fazem parte. Para alcançar os objetivos propostos previstos nesta pesquisa a entrevista semiestruturada constituiu como sendo um dos principais procedimentos adotados. A realização da investigação contou ainda com a coleta de dados por meio de aplicação de questionário com o intuito de perceber o perfil étnico-racial, socioeconômico, geracional, grau de escolaridade de familiares, etc. Ademais, como procedimento metodológico realizamos o levantamento, o estudo e a análise dos principais documentos da legislação brasileira sobre o tema. Como resultado alcançado a pesquisa revelou a necessidade de se pensar à formulação de políticas institucionais de formação docente. É só nesse sentido que as Licenciaturas ofertadas no IF poderão contribuir de fato no processo de constituição da identidade(s) socioprofissional do ser professor.

INTRODUÇÃO:

É notória a ambiguidade contida na expressão “ser professor” que é, ao mesmo tempo, afirmativa e questionadora. O caráter afirmativo se vincula a determinado imaginário social o qual tende a interpretar o exercício docente por meio *prestígio* socioprofissional. No momento atual, é possível observar a esse respeito que a “tarefa de educar” tem sido cada vez mais atribuída ao profissional da educação. O prestígio e as diferentes funções do papel a ser desempenho pelo professor/a, no entanto, não tem sido acompanhado de investimentos salariais, da seguridade de condições biopsíquicas e socioprofissionais em seus locais de trabalho e, muito menos ainda, do respeito à “autoridade” no exercício da atuação docente.

Os estudos sobre a formação inicial e continuada de professores têm revelado que os motivos pelos quais desestimulam os jovens concluintes do ensino médio a se interessarem pela carreira docente são as condições socioprofissionais e econômicas as quais são destinadas a carreira docente no Brasil. (GATTI, 2009, 2010 e 2012)

Dai emerge o questionamento entre ser ou não professor. Nos cursos de licenciatura de formação de professores esse dilema é vivenciado pelos discentes: ser ou não professor!? Sem cair em um reducionismo, concordamos com Ângela Dalben (2010), quando nos faz lembrar acerca da complexidade que envolve a atuação e formação do trabalho docente. Ela ressalta que é necessário considerar um



conjunto de variáveis no que se refere à efetivação desse trabalho quanto à especificidade sociocultural, econômica, racial, política, histórica, etc., dos *sujeitos* com os quais lidamos no processo educativo.

Nessa perspectiva, é possível indagar: quais são as expectativas socioprofissionais dos/as graduandos/as do curso de licenciatura de Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto? Compreender melhor essa questão pode contribuir para entender de que maneira os/as graduandos/as tem se posicionado ante o tema que, a nosso ver, merece a atenção tanto dos profissionais da educação que atuam na formação docente quanto do IFMG de modo geral.

A partir dos anos 70 e 80 do século passado é possível verificar o significativo aumento teórico-prático-reflexivo acerca da formação inicial e continuada de professores no Brasil. (MINDAL; GUÉRIOS, 2013, CUNHA, 2013, GATTI, 2010) Estudiosos da área irão atribuir como sendo alguns dos principais fatores impulsionadores de alteração da realidade até então observada: o processo de redemocratização do país, a mobilização e participação intensa de diferentes movimentos sociais e sindicais, a reivindicação social por políticas públicas educacionais, o acirramento da luta pelo direito à educação, entre outros.

A esse respeito, o artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) que se refere à formação docente determina “a formação de docentes para atuar na formação básica far-se-á em nível superior, em curso de Licenciatura de Graduação, em Universidades e Institutos Superiores de Educação”. Em decorrência dos princípios legais e normativos estabelecidos por essa Lei, foi publicado em 1999 o Decreto 3.276 que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na Educação Básica, bem como foram definidas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica.

Com vista em atender a legislação nacional vigente, bem como a demanda sociopolítica e geográfica da região é que, no ano de 2008, foi implantado no IFMG - Campus Ouro Preto, o Curso de Graduação de Licenciatura em Geografia. De acordo com o Projeto Pedagógico a concepção do curso

se estrutura a partir da premissa de formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da Educação Básica observando os princípios norteadores para o exercício profissional específico e com qualidade. Busca-se nesses profissionais, a competência e coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor, e a pesquisa, com foco no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que ensinar requer, tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento. (PPG, 2011, p. 10)

Atuar na formação inicial de professores de modo a garantir uma formação condizente com os atuais desafios sociais enfrentados parece ser uma das orientações de trabalho prevista nesse documento, contudo os estudos desenvolvidos por Foucault (1975) nos faz lembrar que relações de saber (institucionais/disciplinares) engendram relações de poder e, em nossa opinião, neste caso, é importante investigar se a proposta inicial intencionalizada do curso tem sido ou não alcançada, conforme o ponto de vista discente. É por isso que justifica, a nosso ver, entender quais são as expectativas socioprofissionais dos/as graduandos/as do curso de licenciatura de Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto, pois por meio desse entendimento nos possibilitará melhor condição de saber se “ser professor” faz parte ou não das expectativas dos discentes.



É importante ressaltar sobre a especificidade do lócus em que a formação dos/as licenciandos/as ocorre, ou seja, trata-se de compreender melhor a formação profissional docente no âmbito da atual Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, da qual os institutos fazem parte. A esse respeito, as pesquisadoras Oliveira e Burnier (2013, p. 154) refletem que “os institutos devem investir em uma agenda de estudos e pesquisas educacionais coordenada por um setor próprio que lhes dê organicidade”. Aparentemente, o desafio apontado pelas autoras já era percebido na elaboração do documento do curso de licenciatura quando explicita que

O Instituto Federal de Minas Gerais tem uma missão que envolve uma complexa e ampla gama de atividades, cujo fluxo cresce exponencialmente. Inúmeras são as questões colocadas no objetivo de ofertar cursos técnicos, de graduação e de pós-graduação que atendam as realidades regionais nas quais os campi estão inseridos. Exige-se, diante dessas questões, que os gestores do Instituto, juntamente com os formuladores de políticas públicas de educação, dediquem atenção constante em busca de um equilíbrio entre formação profissional e acadêmica, entre formação básica e multidisciplinar e o desenvolvimento de atividades extracurriculares (PPG, 2011, p. 19)

De fato, a formação socioprofissional do “ser professor” dos/as graduandos/as do curso de licenciatura de Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto se dá intercambiada com outros cursos em nível técnicos e sequenciais. Para exemplificar apenas uma característica desse intercâmbio é interessante citar uma situação ocorrida em que um discente do curso técnico em segurança do trabalho disse que abandonou o curso de Licenciatura de Geografia, pois considerava “o curso técnico mais adequado as suas expectativas”.

Conhecer quais são as expectativas socioprofissionais dos discentes nesse sentido se justifica uma vez que a realização dessa investigação pode nos ajudar a compreender de que modo à premissa de “formação de professores” contida na proposta no Projeto Pedagógico da Instituição está sendo alcançada.

METODOLOGIA:

A fim de alcançar os objetivos propostos desta pesquisa, fez-se a opção metodológica pela realização de entrevistas semiestruturadas como sendo um dos principais procedimentos adotados para a coleta de dados. Essas entrevistas buscaram compreender as trajetórias pessoais e as expectativas dos/as graduandos/as do curso de Geografia referente formação socioprofissional de “ser professor”. Essa orientação metodológica insere-se, segundo o pesquisador Flick (2004), no quadro de investigação qualitativa. Segundo o autor, a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas da vida (FLICK, 2004, p.17).

Antes, porém de iniciar a coleta de dados a graduanda pesquisadora realizou um estudo sistematizado a respeito de questões que tangem a problemática central dessa investigação. Assim sendo, um dos princípios básicos que foi adotado na realização deste estudo foi à participação ativa da orientanda em todo o processo de construção utilizado para a concretização do trabalho.



A análise cuidadosa e atenta das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica, do Decreto 3.276 que dispõe sobre a formação em nível superior de professores para atuar na Educação Básica, bem como das principais legislações que tangenciam o tema de pesquisa se constituíram como parte do procedimento metodológico adotado de maneira a contribuir para que a bolsista se aproximasse do tema.

As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio da técnica de análise do conteúdo. De acordo com Franco (2003, p.14), essa técnica possibilita-nos

uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, entendida como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação.

Além disso, aplicamos 15 questionários¹ junto aos graduandos/as do 8º período do curso de Geografia² com o intuito de identificar o perfil étnico-racial, socioeconômico, geracional, grau de escolaridade de familiares, etc. Essa ação nos possibilitou tomar conhecimento, por exemplo, que 53,3% de seus pais possuíam só o nível de escolaridade de ensino fundamental incompleto. Nesse mesmo nível de ensino a porcentagem de mães é de 46,7%. Esse dado nos revela que estamos lidando com o perfil de estudantes que tiveram uma longevidade escolar maior comparado aos seus familiares. (PORTES, 2003)

Dos respondentes 66,7% disseram que a renda mensal de sua família é de 2 (dois) a 3 (três) salários mínimos. Essa informação aproxima das demais pesquisas na área de educação ao considerarem que “os professores da educação básica são oriundos de diversas classes sociais, mas assistimos nos últimos anos a um aumento no número de docentes pertencentes originariamente às classes populares”. (SANTOS; DIAS, 2013, p. 63)

No 8º período verificamos que os discentes são oriundos da cidade de Ouro Preto e de seus distritos: Marina, Santa Barbara, Lavras Novas, Ponte Nova, bem como dos Municípios de: Itabirito e Belo Horizonte. Suas idades variam entre 23 e 39 anos.

Foram realizadas 04 (quatro) entrevistas sendo duas com graduandos do sexo masculino e outras duas com graduandas do sexo feminino. Com relação a isso, é interessante notar que das pessoas respondentes, 80% são do sexo feminino e as demais 20% são do sexo masculino. Esse dado corrobora com demais estudos que vêm sendo realizados que apontam uma longevidade escolar das mulheres em detrimento dos homens. Segundo as pesquisas vários são as causas que explicam esse fenômeno. Desde o elevado índice de mortalidade de jovens negros entre 15 a 24 anos de idade, até a inserção precoce dos jovens no mercado de trabalho, etc.

1 O número desse instrumento aplicado se refere ao total de estudantes concluintes matriculados no curso. Devido o fato de nos encontrar no fim de semestre letivo e com a paralisação de greve, optamos por aplicá-lo através do Google Forms. Essa estratégia adotada permitiu cumprir com o cronograma inicial previsto de pesquisa.

2 No momento de coleta de informações, os discentes já se encontravam no término do 7º período do curso já encaminhando para o período final do curso. Ademais, devido à construção do percurso formativo deles, na sala, verificava graduandos que estavam no 8º período.



A observância em relação à autodeclaração cor/raça conforme a identificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez parte também dos critérios da escolha dos entrevistados/as. Nesse sentido, de maneira proporcional, foram entrevistados/as graduandos/as autodeclarados negros (pretos e pardos) e brancos.

A esse respeito, verificamos que a proporcionalidade de pessoas autodeclaradas negras (pretos e pardos) é de 60% e a das pessoas que se autodeclaram brancas é de 33,3%, conforme descrito no GRÁFICO 1. Essa informação contribui, em um primeiro momento, para refletirmos sobre o perfil étnico-racial docente local. É interessante nesse sentido notar o resultado do trabalho de monografia recém-defendido apresenta que o perfil dos estudantes de todas as Licenciaturas do Instituto Federal de Minas Gerais é proporcionalmente maior de pessoas autodeclaradas negras. (ESTEVAM, 2017)

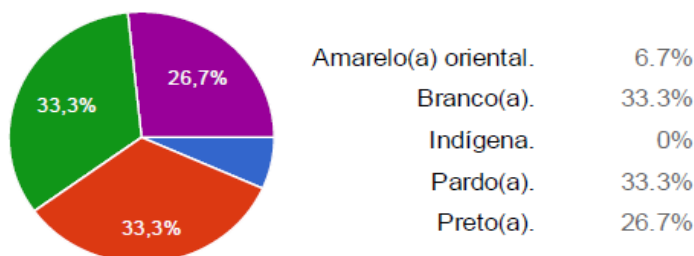


Gráfico 1: Autodeclaração Étnico-Racial.
Fonte: Questionário de Pesquisa.

Não obstante, em pesquisa realizada anteriormente verificou-se que a presença do expressivo do público autodeclarado negro(a) não significa necessariamente o desenvolvimento do trabalho sistematizado, por parte dos docentes, de implementação da Lei 10.639/03, bem como de suas Diretrizes³. (GONÇALVES; SILVA, 2016)

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Ser ou não professor? Expectativas de ingresso na carreira docente

Quando indagados se os discentes desejam dar aula na Educação Básica, 86,7% deles(as) responderam que sim, eles(as) pretendem lecionar no término do curso. Sendo que 66,7% pretendem prestar concursos públicos para atuarem em escolas públicas. Nessa perspectiva, buscamos saber quais são os possíveis motivos que lhe impulsionam exercer a docência. Das respostas obtidas verificou-se que 73,3% consideram que pode contribuir com a **mudança social** como, por exemplo, “através da formação de pessoas mais críticas para agirem em sociedade”. **Vocação** foi à resposta assinalada por 13,3%, baseado no argumento de que sempre quis ser professor(a) associada à influência de familiares. A ideia de **estabilidade profissional** que o magistério pode garantir foi à opção de 6,7% respondentes. O mesmo percentual de

3 A Lei nº 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) e tornou obrigatório de ensino e cultura afrobrasileira e africana na Educação Básica em escolas públicas e particulares. No de 2004, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), tendo como relatora a Professora Dra. Petronilha Silva as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira (DCNERER).



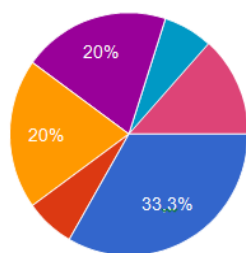
6,7% estudantes consideram que a Licenciatura significa uma oportunidade a mais de **ingresso no mercado de trabalho** e de **oportunidade de sempre estar atualizado**. Interessante destacar que nenhum dos entrevistados marcou, como alternativa de resposta, que a escolha do magistério foi por falta de opção para exercer outra profissão.

Nessa perspectiva, é interessante notar o desejo de promover certa “mudança das desigualdades sociais e educativas” presente nos relatos dos discentes. De maneira geral, essas mudanças seriam possíveis de serem concretizadas no ambiente escolar a partir da proposição do conhecimento crítico dos estudantes inseridos na educação básica. Em outras palavras, por mais que as condições de trabalho docente, conforme é sabido, seja pouco favorável para exercer a função de professor(a) em nosso País (devido às condições de infraestrutura, condições materiais e imateriais, salários, mal estar docente, etc.), é possível ainda constatar o sentimento de poder contribuir de alguma maneira no processo de transformação social por meio do trabalho realizado em sala, conforme é explicitado no depoimento do graduando:

Eu espero na verdade que o maior fato de eu ser professor não é o aluno entender que a capital de tal lugar é tal, não é que a rocha é isso e o mineral é aquilo, mas que ele comece **a ser crítico**. O aluno chegar ao final do ano e falar assim: “olha esse professor me ensinou a estudar”, entende? Ele me ensinou que é assim que se faz um resumo é assim que eu consigo citar algumas coisas é assim que eu consigo desenvolver. Então, é assim que eu tenho pensamento crítico, é assim que eu faço um debate. Então, nesse aspecto eu gostaria que os meus alunos a cada período que tivessem comigo pudessem desenvolver o que eu acho que vai ser importante para vida, entende? Que é esse **pensamento crítico**, o ato de tentar entender e tentar estudar não é somente decoreba. (...) eu gostaria que fosse reconhecido dessa forma sabe: “Oh eu aprendi a estudar com aquele cara”. **Eu não sei se eu ainda sei aplicar isso de fato, mas é o que eu gostaria tentar ser como professor**. (Perona, graduando 8º período, branco, grifos nossos)

Em se tratando de dar aulas de Geografia na educação básica interessávamos saber o que mais os preocupava em relação ao ingresso na carreira docente. No GRÁFICO 2., verifica-se que alternativa “salarial” aparece como fazendo parte da preocupação de apenas 6,7%. De certo modo, os graduandos(as) relatam como sendo uma das maiores reclamações ouvida no ambiente escolar de professores veteranos nos Estágios Supervisionados é a desvalorização salarial da profissão. No entanto, ao nos depararmos com esse quesito ocupando praticamente o último lugar de preocupação deles/as nos levou a ponderar que variáveis como: a vontade de inserção na profissão; o ganho de experiência de docência e a estabilidade socioprofissional são mais determinantes para o(a) professor(a) recém-formado.

Nessa direção, verificamos que 46,7% disseram estar empregado(a) com carteira assinada. Sendo 6,7% estão empregado(a) sem carteira assinada. De igual modo, o número de autônomo(a) ou trabalha por conta própria é de 6,7% dos respondentes. Não obstante, é elevado o número de pessoas desempregadas 13,3%, e também aquelas que só estudam 26,7%.



Condições de trabalho.	33.3%
Indisciplina dos alunos/as.	6.7%
Insegurança em relação à formação profissional.	20%
Pouco reconhecimento social do professor/a.	0%
Relação professor dos alunos/as.	20%
Salário.	6.7%
Violência escolar.	13.3%

Gráfico 2: O que mais preocupa você em dar aulas de Geografia na Educação Básica.
Fonte: Questionário de Pesquisa.

Constatou-se que para 33,3% dos entrevistados a maior preocupação em lecionar diz respeito às condições de trabalho. A relação professor e o alunado, bem como o sentimento de insegurança em relação à formação profissional traz inquietação para 20% dos estudantes, respectivamente. Se levarmos em consideração que 86,7% disseram se sentirem aptos a lecionar, essa informação parece reiterar portanto com a necessidade de mais disciplinas voltadas para a Formação de Professores. A violência escolar e a questão da indisciplina dos alunos/as fazem parte, respectivamente, 13,3%, e de 6,7% das preocupações dos discentes.

Dentre os discentes apenas 33,3% já trabalharam na profissão docente durante sua formação acadêmica. Muitos como uma forma de praticar a docência e adquirir renda para poder se manter na graduação. Já 66,7% não trabalharam. Os principais motivos destacados por eles/as para a não inserção docente se deu devido à falta de oportunidade e por não sentirem seguros. Geralmente, a experiência profissional de docência adquirida durante o curso é a advinda de contratos como professor(a) substituto, 33,3%, e através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), 26,7%.

O PIBID é avaliado como excelente oportunidade de aprender com realidades escolares diferentes. Além disso, a participação no Programa é visto como uma maneira de garantir um retorno à comunidade local.

Eu comecei o PIBID na escola Municipal aqui em Ouro Preto. Era uma muito boa para mim, porque eu aprendi muita coisa lá. Por que é uma escola sem muita estrutura. Tipo, os professores tem muita boa vontade para fazer mais esbarra em alguns problemas de estrutura mesmo, por exemplo: não tem um Datashow, não tem um computador na escola, de não ter uma sala de vídeo! Mais foi muito enriquecedor, pois você aprende a se virar também. (Ferreira, graduando 8º período, negro, grifos nossos)

Ao passo que eles possuem determinado posicionamento crítico a respeito do PIBID sobretudo no que se refere o número reduzido de vagas ofertadas para participar no Programa. Sem contar com o corte nos gastos sociais públicos na educação tendo em vista o eminente término dessa proposta. Ademais, o fato de muitos terem de trabalhar e não morarem na região os impossibilita de lecionar, ou de estarem envolvidos em projetos de ensino, pesquisa e de extensão.

Gostaríamos de saber ainda sobre o interesse dos entrevistados/as em relação à continuidade de estudos na Pós-graduação. Todos eles disseram sentir interesse em participar de algum tipo de especialização.



Constatou-se que 53,3% se interessam em cursar o Mestrado Acadêmico Stricto Sensu. Sendo que 13,3% optam por Pós-Graduação de Mestrado Profissional. E cerca de 20% pretendem ingressar em Curso de Aperfeiçoamento de Formação de Professor. O interesse de cursar a Pós-Graduação Latu Sensu foi a opção assinalada por 6,7%. Realizar outra graduação faz parte também de o interesse de 6,7% pessoas.

A partir desses dados verifica-se que determinada vontade geral dos discentes de continuarem se aperfeiçoando após a conclusão da Graduação em diferentes áreas no sentido de não encerrarem seus estudos por aqui.

Por fim, ao indagar se, na opinião deles/as, existe diferença entre a formação de professores de Geografia que acontece no Instituto Federal (IF) e nas Universidades Federais, 66,7% considera que sim, existe diferença, conforme o ponto de vista do graduando.

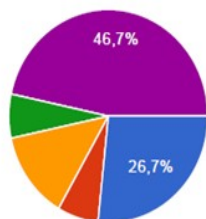
Eu acho que lógico vai existir imensas diferenças. Nós, as pessoas, temos diferenças individuais, né! Agora, por exemplo, uma diferença gritante que eu acho que existe são os **cursos presenciais e os não presenciais** . Por exemplo, na UFOP tem um curso de Licenciatura de Geografia e ele não é presencial. A diferença entre o IF e a UFOP eu acho que é imensa. É um abismo na verdade. Agora você pega o curso de Geografia da UFMG e compara com o nosso acho que vão existir diferenças entre eles. Mas, eu acho que o nível vai ser muito próximo. Agora é lógico vão ter professores na UFMG que vão ter um tipo de pensamento e vão levar o curso mais para uma dinâmica. Assim como aqui vão ter professores que vão ter outro pensamento. Por que isso é uma relação extremamente diferente, né! **São duas regiões diferentes, são professores diferentes, são grades curriculares diferentes. Mas, no geral eu acho que o curso de Licenciatura de Geografia do IFMG atende as necessidades da população aqui de Ouro Preto e Mariana.** Assim como atende, no nível de qualquer outro curso do Brasil. Entende? Eu acho que esse é o fator fundamental. (Perona, graduando 8º período, branco, grifos nossos)

O atendimento da realidade local destacada por Perona faz parte da intencionalidade de criação dos Institutos Federais que segundo as palavras de Machado (2011, p. 355), os quais foram, “convocados a realizar a interiorização da oferta educacional a partir de cidades-polo; a cobertura do maior número possível de mesorregiões e a sintonia com arranjos produtivos, sociais e culturais locais”.

Aprofundando um pouco mais ainda a respeito da percepção dessas diferenças, 46,7% dos concluintes atribuíram à qualidade do ensino ofertado pelo IFMG. A esse respeito, alguns deles até mesmo buscam consultar com outros estudantes o tipo de disciplinas que são ofertadas nas Universidades no sentido de perceber a diferenças, conforme descrito por Ferreira:

Por que eu tenho alguns amigos que fazem licenciatura também e estão formando agora junto comigo. E aí a gente conversa das mesmas coisas os mesmos tipos de cadeira às vezes com nome diferentes mais os mesmos autores que são estudados. Eu tive um amigo meu que fez Licenciatura em Geografia só que a distância na UFOP, é a mesma coisa, o mesmo tipo de cadeiras. (Ferreira, graduando 8º período, negro, grifos nossos)

Ademais, 26,7% julgam que uma possível diferença se situa na experiência que a universidade possui em relação à formação de professores. A infraestrutura que o IF possui é destacada por 13,3%, conforme podemos verificar no GRÁFICO 3.



A experiência da universidade na formação de professores.	26.7%
A infraestrutura que a universidade possui para formar professores.	6.7%
A infraestrutura que o IF possui para formar professores.	13.3%
O ensino ofertado pela universidade.	6.7%
O ensino ofertado pelo IF.	46.7%

Gráfico 3: Na sua opinião, a diferença entre IF e a Universidade é em relação.
Fonte: Questionário de Pesquisa.

CONCLUSÕES:

De certo modo, a avaliação realizada por eles expressam determinado nível de satisfação em relação ao curso. Essa constatação ao mesmo que nos deixa satisfeito com o trabalho que vem sendo realizado, nos traz determinada preocupação no sentido de buscar melhorar cada vez mais a qualidade do ensino ofertado. Nessa perspectiva, um dos principais achados de pesquisa foi o de constatar que para os/as graduandos/as o Curso de Licenciatura de Geografia deveria garantir a oferta de mais disciplinas pedagógicas, pois, afinal, são esses conhecimentos necessários para atuar na Educação Básica. Sabemos que essa constatação remete a antigas questões inerentes a formação docente no Brasil. (NUNES, 2007)

Contudo, por se tratar de uma experiência bastante recente do ponto de vista histórico, a pesquisa revelou a necessidade ainda de se pensar à formulação de políticas institucionais de formação docente. É só nesse sentido que as Licenciaturas ofertadas no IF poderão contribuir de fato no processo de constituição da identidade(s) socioprofissional do *ser professor*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1996/9394.htm>>.

CUNHA, Maria Isabel da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, n. 3, p. 609-625, jul./set. 2013.

DALBEN, Ângela. Tensões entre formação e docência: buscas pelos acertos de um trabalho. In: DALBEN, Ângela et all. *Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010. p. 166-187. (Didática e prática de ensino)

ESTEVAM, Vanessa. *Representatividade de raça e gênero nos cursos superiores e tecnólogos do Instituto Federal de Ouro Preto*. Monografia (Conclusão de Curso Licenciatura em Geografia) - Coordenadoria de Geografia, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, Ouro Preto, 2017.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1975.



FRANCO, Maria. Laura. *Análise de conteúdo*. Brasília: Plano Editora, 2003.

GATTI, Bernardete. Formação de professores no Brasil: características e problemas. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso: 23/05/2014.

GATTI, Bernardete. Licenciaturas, Educação Básica e pesquisa educacional no Brasil. *Dialogia*. São Paulo: Universidade Nove de Julho, n. 16, p. 15-44, jul., 2012.

GATTI, Bernardete; BARRETO, Elba Siqueira (Coord.). *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília: UNESCO, 2009.

GONÇALVES; Léo G.; SILVA, Natalino Neves da. *Diversidade Étnico-Racial e Formação de Professores do Curso de Licenciatura de Geografia do IFMG - Campus Ouro Preto*. Apresentado no II Seminário Nacional Afirmação das Diversidades: relações étnico-raciais, gênero, juventudes e inclusão de PNE's na sociedade brasileira. CEFET/MG, 2016. (no prelo)

MINDAL, Clara Brener; GUÉRIOS, Ettiène Cordeiro. Formação de professores em instituições públicas de ensino superior no Brasil: diversidade de problemas, impasses, dilemas e pontos de tensão. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 21-33, out./dez. 2013.

NUNES, Clarice. Formação docente: permanência do passado nos desafios do presente. In: SOUZA, João Valdir (Org.). *Formação de Professores para a Educação Básica: dez anos de LDB*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 113-132

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales; BURNIER, Suzana. Perfil das licenciaturas nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. In: CUNHA, Daisy Moreira [et al.]. *Formação/profissionalização de professores e formação profissional e tecnológica fundamentos e reflexões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora PUCMinas, 2013. p. 145-166.

PORTES, Êcio Antônio. *Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG*. 279 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PROJETO PEDAGÓGICO GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA. Colegiado do Curso de Geografia, IFMG - Campus Ouro Preto, 2011. Mimeo.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão; DIAS, Regina Lúcia Cerqueira. Trajetórias escolares e prática profissional de docentes das camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 18 n. 52, p. 49-63, jan./mar. 2013.

Participação em Congressos, publicações e/ou pedidos de proteção intelectual:

A pesquisa foi concluída no início deste ano e, portanto, agora que os seus resultados são divulgados.